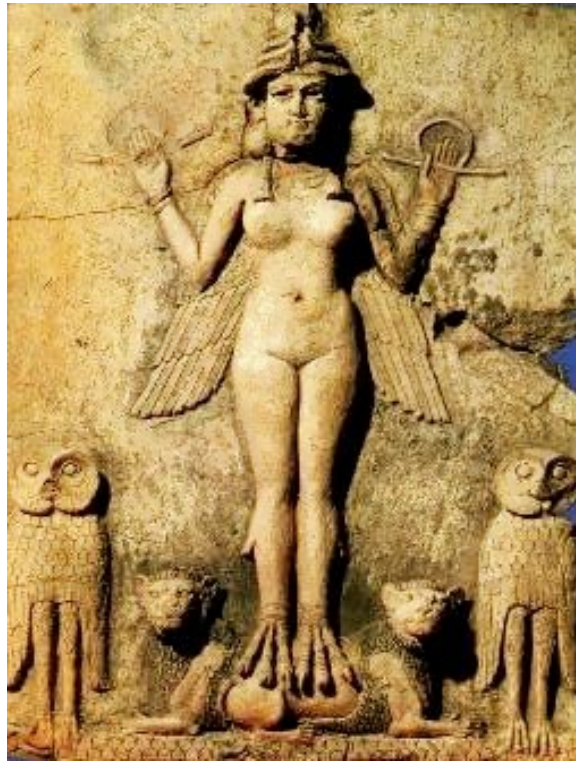


A Saga de Inanna

(antologia de poemas)

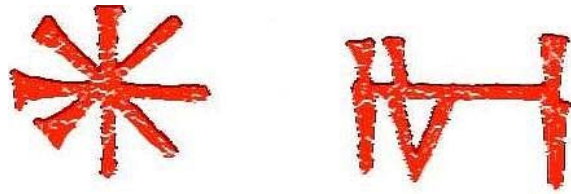
Trad. Helena Barbas



Índice

Nota prévia	2
Vigorosamente...	3
Alface	4
Taverna	5
Belo Amado de Caracóis	7
Utu-Inanna [Noivado]	9
Traição	11
Estrela da tarde	13
Descida de Inanna aos Infernos	20
Bibliografia	35

Nota prévia



Inanna, a Grande Senhora de An – o céu – ou a «Senhora dos mil ofícios», é a principal divindade do panteão sumério. O epíteto refere o facto de ser a patrona e protectora de uma multitude de funções e poderes: estrela da manhã e/ou da tarde, deusa da agronomia, do fogo e do raio, da alegria e do terror. Terá a sua contraparte na acádica Ishtar, na Ísis egípcia, e restante miríade de divindades e figuras femininas que com elas se associam (inclusive Maria Madalena).

De acordo com a sua mitologia pessoal, durante um jantar embriaga o pai – An, ou Nanna-Suen – e ganha-lhe a soberania dos céus num jogo de xadrez. Esta conquista tem por objectivo distribuir as riquezas e dons daquele pela terra. Segue-se-lhe a tomada do reino dos Infernos, da «terra maior inferior», território de sua irmã mais velha Ereshkigala.

De par com a actividade política, vai a amorosa. Após vários amados – entre eles Gilgamesh – Inanna casa com o pastor Dumuzi, que a atraiçoa com uma serva. Ultrajada, a deusa mata-a, e vingá-se de Dumuzi deixando-o em seu lugar nos Infernos para conseguir deles regressar.

Os poemas aqui antologados dão uma pequena e fugaz imagem dos versos e hinos dedicados a Inanna ou que a referem. A ordem e alguns dos títulos foram forjados para tentar reproduzir o percurso atribuído à deusa. As versões foram recolhidas de vários textos, em vários locais, maioritariamente franceses e ingleses. Na bibliografia vai a indicação dos livros e «sites» consultados de maior interesse.

Há ainda muitos outros poemas importantes, como o da «Árvore Huluppu», que irão sendo acrescentados a seu tempo.

Lisboa, 17 de Outubro de 2004 (rev. Junho 2006)



Vigorosamente...

Vigorosamente ele cresceu
Vigorosamente ele cresceu e cresceu
Regou-a – sendo alface!
No seu jardim negro do deserto suportando muito jejum
O meu querido da sua mãe,
A minha haste de cevada cheia de encanto no seu sulco,
Regou-a – sendo alface,
Assim o fez o meu amado – uma verdadeira macieira com fruto na ponta –
Regou-a – sendo um jardim!

O homem doce de mel, o homem doce de mel,
Fazia-me coisas doces!
O meu senhor, o homem doce de mel, o divino,
O meu querido de sua mãe,
Com mãos doces como mel, com pés escorrendo mel
Fazia-me coisas doces!
Os seus membros sendo doces, doce de mel,
Ele fazia-me coisas doces!

Oh meu amado que de repente fizeste coisas doces
A tudo dentro de mim até ao umbigo,
O meu querido de sua mãe
Oh meus membros de mel do deserto, querido de sua mãe,
Tu regaste-a, sendo alface.



Alface

Sendo alface a minha lã, ele regá-la-á,
Sendo alface de buxo, ele regá-la-á,
E tocará o pássaro dubdub no seu ninho!

A minha ama estremeou-se a preparar-me,
Cardou alto a minha lã à maneira do veado,
Penteou-a delicadamente,
E endireita-me os escudos do meu peito, «Possa ele vir!».

Deixem que ele venha! Até à minha lã, sendo
a mais agradável das alfaces,
Com olhares provocadores,
Instarei o irmão a que entre.
Farei com que Shu-Suen – já preparado –
Se mostre um homem vigoroso,
Shu-Suen, para quem o meu encanto não terá fim!
Shu-Suen, cujo encanto nunca mudará para mim!

[...]

Tu és verdadeiramente o nosso Senhor! Tu és verdadeiramente o nosso Senhor!
Ciselado em prata com lápis-lazúli! Tu és verdadeiramente o nosso Senhor!
Tu és verdadeiramente o nosso lavrador trazendo-nos muita chuva!

Sendo ela a menina dos meus olhos, sendo o fascínio do meu coração,
Possam nascer para ele os dias da vida! Possa Shu-Suen viver longos anos!

[*Diálogo de Inanna*]



Taverna

Oh minha apaixonada! Minha muito apaixonada!
Oh minha muito apaixonada!
Minha mais encantadora! Minha mais encantadora!
Riqueza pequenina da sua mãe!
Meu grão-de-bico suculento! Minha querida que és o mel do teu pai
Riqueza pequenina da sua mãe!
O olhar dos teus olhos é-me doce a mim,
Diz depressa sim, minha amada irmã!
A tagarelice da tua boca é-me doce a mim,
Riqueza pequenina da sua mãe!
O beijo da tua saudação no peito é-me doce a mim,
- diz sim depressa minha amada irmã!

«Minha senhora! A cerveja do vosso grão faz-nos bem,
Riqueza pequenina da sua mãe!
A força e o brilho do vosso mosto faz-nos bem,
- diz sim depressa minha amada irmã!
Na casa, o desejo por ti cedo começou a consumir-me,
Riqueza pequenina da sua mãe!
Minha irmã, o desejo por ti cedo começou a consumir-me,
- diz sim depressa minha amada irmã!
A tua casa é uma casa honesta, que pode prosperar,
Riqueza pequenina da sua mãe!
Tu és como uma princesa – diz sim depressa,
Minha amada irmã!»

«Tens que me jurar que vives,
que vives –
Irmão tens que me jurar
Que é certo que vives numa cidade estrangeira
Tens que me jurar, que nenhum inimigo
Lhes pôs a mão em cima
Tens que me jurar a mim que nenhum inimigo
Levou a boca perto dela!»

O eu abandonar por ti
As finas roupagens requintadas,
Oh meu amado, homem por quem estou fascinada,
Irão pousar à maneira de jura por ti,
Oh meu irmão de face tão bela,
Irão pousar, meu irmão, à maneira de jura por ti,
Oh meu irmão de face tão bela,
Que a tua mão direita pouse nas minhas partes,
A esquerda deverá suportar-me a cabeça,
E quando tiveres aproximado
a tua boca da minha boca,
quando segurares os meus lábios com os teus dentes,
então debes jurar-me a jura!
Assim mesmo, oh tu, único amado de todas as mulheres,
meu irmão de face tão bela!

«Oh meu rebento, meu rebento,
doces são os teus encantos!
Meu jardim em botão de macieira,
Doces são os teus encantos!
Meu pomar de macieiras,
Doces são os teus encantos!
Dumuzi-Apsû em pessoa,
Doces são os teus encantos!
Oh meu pilar puro, meu pilar puro
Doces são os teus encantos!
Pilar de alabastro incrustado em lápis-lazúli

Doces são os teus encantos!

[*Diálogo de Inana*]



Belo Amado de Caracóis

Oh meu belo amado de caracóis!
Oh meu belo amado de caracóis!
Meu doce – árvore bem crescida!
Oh meu belo amado de caracóis!
Oh meu belo amado de caracóis!
- como uma tamareira!
Oh meu amado de pescoço desgrenhado
- como as fibras da tâmara!

«Homem, que por teus caracóis
és aclamado na assembleia,
meu adorado, que beijas,
à chegada, os trajes sobre o meu peito
rapaz, que por teus caracóis
és honrado na assembleia,
meu irmão de bela face, que beijas,
à chegada, os trajes sobre o meu peito!

«Ó minha barba de lápis-lazúli!
Oh meus caracóis em corda!
Meu amado de barba irisada
Como uma lápide de lápis-lazúli,
Meu amado com caracóis penteados em corda!
És o alfinete do meu turbante, o ouro que uso,
O meu pendente cinzelado por artesão habilidoso!»

A minha amada noiva torna-me famoso em todas as bocas!
Tão doces como as suas palavras são as suas partes,
E tão doces como as suas partes são as suas palavras."

Sendo um ...

És de verdade um doce amado com quem conversar!
És de verdade alguém produzindo um reino de dias agradáveis!
És de verdade alguém que dá ótimos conselhos e sentenças honestas!
És de verdade alguém que no culto estabelece a pureza de mãos limpas!

«Amado de Enlil,
possa o coração do teu deus pessoal, caso fique angustiado, abrandar outra vez!
Vem com o Sol! Vai com o Sol!
Possa o teu deus pessoal aligeirar-te o caminho
Ter transportadores de cochos e transportadores de machados
Até para ti!»



Utu-Inanna [Noivado]

«Minha irmã, que estiveste a fazer em casa?
Pequenina, o que estiveste a fazer em casa?»

«Lavei-me com água, esfreguei-me com sabão,
Lavei-me com a água do jarro de cobre brilhante,
Esfreguei-me com sabão, do vaso de pedra polida,
Ungi-me com o óleo perfumado do jarro de pedra,
E vesti o traje real, o traje da realeza do céu.

Assim refrescada, deambulei pela casa,
Pus khol nos meus olhos, o cabelo da nuca
Espetou-se, e alisei-o.
Atei à cintura o cantil, depois de o encher com água,
Escolhi uma arma, que me tornem agradáveis os dias do reinado.

O cabelo da minha cabeça,
estava emaranhado e alisei-o;
as tranças do toucado tinham-se soltado,
penteei-as, e deixei-as cair sobre os ombros e a nuca.
Anéis de ouro pus nas minhas mãos
Pequenas contas de pedra pendurei ao pescoço,
Endireitei-lhes o contrapeso a cair pelas costas.

«Irmã, ao buscar-te marido, procurei seguir o teu coração,
Pelo teu coração, pelo teu amoroso coração me guiei.
A tua deusa tutelar concedeu-te saúde florescente
Irmã, estás radiante, és o mel da mãe que te gerou!
Minha irmã, valendo quaisquer cinco para mim!
Minha irmã, valendo quaisquer dez para mim!
Dado que ela te aperfeiçoou na tua forma
Ele estará ansioso para chegar
Oh minha tão agradável e radiante irmã!

«Traz então o meu noivo do palácio!
Possas enviar lá um homem sobre o banquete de casamento.
Deixa que, para começar, eu lhe deite vinho,
E assim o coração dele se possa alegrar,
Assim o coração dele se possa comprazer.
Ele que venha! Ele que venha!
De qualquer maneira, sim, deixa que ele venha!

«Minha irmã, deixa que te acompanhe até à câmara
possa o cordeiro vir, como até à ovelha.
Oh, ele que venha!
Possa o cabrito vir, como até à cabra,
Oh, que ele venha!
Possa o cordeiro ser tão agradável como a ovelha,
Possa o cabrito ser tão malhado como a cabra!
Minha irmã, deixa que te acompanhe até à câmara."»

Agora os nossos seios erguem-se!
Agora nas nossas partes cresceram pelos!
A caminho dos membros do noivo, querida amiga,
Deixa que nos alegremos por eles!
Dancem! Dancem!
Querida amiga, deixa que nos alegremos pelas nossas partes!
Dancem! Dancem!
Depois elas irão agradar-lhe, elas irão agradar-lhe

Ele que venha! Ele que venha!
De qualquer maneira, sim, deixa que ele venha!



Traição

A Santa Inanna disse a Ninshubur ¹
«Meu sempre leal servo, minha aia de palavras agradáveis,
meu mensageiro de palavras verdadeiras,
conhecida pelo bom julgamento,
senhora do Templo de Akkil

Aquela rapariga, aquela escrava
Que fez a coisa proibida
Aquela escrava, fonte do pecado,
Que fez a coisa proibida,
Aquela fonte do pecado,
Aquela do destino fatal
Aquela do destino fatal,
com a cara manchada de lágrimas

Tendo-se sentado no trono sagrado,
E depois deitado na cama sagrada,
Também veio a conhecer
O membro masculino ali dobrado
Também aprendeu a libar o membro masculino.»

Venham, vamos até lá, vamos até lá!
Nós vamos até lá, até à cidade!
Vamos até lá, até à cidade, ver o espectáculo!
Vamos até lá à cidade, a Kullab!
Vamos até lá, a Uruk construída de tijolos!
Vamos até lá, a Zabalam construída de tijolos!
Vamos até lá, até Hursag-kamma!
À cidade! À cidade! A Babilónia construída de tijolos!
À palavra falada por Inanna.

¹ Ninshubur é uma personagem andrógina/hermafrodita. Tendo os dois sexos, torna-se difícil manter a duplicidade dado a presença constante da marca de género em português.

A rapariga, a fonte do pecado
Tinha-se lançado ao chão, prostrado na poeira
Inanna olhava para ela, com aquele olhar de morte,
A amante gritou, era um grito inflamado pela punição.

Pela franja, agarrou-a,
atirou a rapariga, a fonte do pecado,
abaixo do plinto da muralha da cidade:
«Que os pastores a matem, com o seu grancho de pastores,
que os elegistas a matem, com os seus adufes,
que o oleiro a mate, com a sua caneca de cerveja,
que os guardas a matem, com as adagas e maças!»

Ela tinha-lhe contado tudo, entre lágrimas e lamentações
Quem poderia, senão um coração de princesa, conter os gemidos,
Oh, o coração de Inanna!
- Tudo!

O que acontecera e não acontecera,
De que modo ele lhe prestara favores durante o dia,
De que modo ele passara com ela a noite.
Oh, só um coração como o dela poderia conter os gemidos!
Oh, só uns ouvidos como os dela poderiam...
[...]
Eu sou a jovem senhora...
Eu sou Inanna
Eu abalo os céus, faço a terra tremer
Essa é a minha fama!

Depois de se ter banhado com água,
De se ter esfregado com sabão,
Depois de se ter lavado com a água do jarro de cobre brilhante,
Depois de se ter esfregado com o sabão do vaso de pedra polida,
Depois de se ter ungido com o óleo perfumado do jarro de pedra,
Ela vestiu o traje de rainha, o traje da realeza do céu.
O seu turbante de pano atou em volta da cabeça,
Pôs khol nos olhos
Pegou no seu ceptro brilhante na mão
O seu khol ...

Até onde a comida está disposta,
Onde o pão é servido por mãos limpas!
Até à casa para a qual um verdadeiro senhor a convidou!
Até à casa para a qual um senhor sincero a convidou!
Para a qual um deus, um senhor a convidou!

Aceita a súplica!
Até ao redil, por súplica do pastor!
Até ao puro redil, por súplica de Dumuzi!
Até ao puro redil onde vive Dumuzi!



Estrela da tarde ²

[*proémio*]

Aquela que chegou do alto, aquela que chegou do alto,
Eu louvarei!
A santa [Nu-gig], que chegou do alto,
Eu louvarei!
A grandiosa rainha do Céu, Inanna
Eu louvarei!
A tocha pura incendiada no Céu, a luz divina iluminando o dia,
A grandiosa rainha do Céu, Inanna
Eu louvarei!
A santa, rainha carregada de terror dos Anunnaki
A mais nobre no céu e na terra, coroada com grandes cornos,
Filha mais velha da Lua, Inanna
Eu louvarei!

Da sua grandeza, da sua grandeza, da sua nobre excelência
Da sua brilhante chegada no céu nocturno,
Da sua iluminação no céu, uma tocha pura
Da sua caminhada pelo céu, como Lua e Sol,
Vista por todas as terras do Sul ao Norte,
Da grandeza da santa no céu,
Para a jovem senhora eu cantarei!
A sua chegada é a de uma guerreira.

[*antífona - sobre os poderes do estatuto - a ser repetida depois de cada canto*]

Ela gosta de errar pelo céu, é a sua verdadeira vaca selvagem,
Na terra é nobre, rainha de todas as terras,
No abismo [Apsû-mar], em Eridu, assumiu as funções
Seu pai Enki lhas conferiu, pôs-lhe nas mãos senhoria e reino.
Com An tomou assento sob o dossel do grande trono,
Junto com Enlil tomará as decisões sobre o seu país.
Para que mensalmente, pela Lua nova,
Os assuntos de Estado sejam adequadamente resolvidos,

² Poema do período – Iddin-Dagan [3º. Rei da dinastia de Isin];

Com ela se reúnem os deuses da terra.
Os grandes Anunnaki, tendo-lhe feito a vénia,
Avançam para orar, fazer petições e queixas,
Capazes de verbalizar os rogos de todas as terras,
E a Dama decide os pleitos de todas as terras, resolvendo-os.
Inanna toma as decisões para os países, fazendo com que sejam executadas.
As gentes de cabeça escura desfilam diante dela.

[*desfile mensal - parada triunfante*]

Harpas Algar, folheadas a prata, tangem para ela.
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
A grande rainha do céu, Inanna,
Eu louvarei!

Pandeiretas sagradas, címbalos sagrados, tangem para ela,
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
A grande rainha do céu, Inanna,
Eu louvarei!

Harpas sagradas, címbalos sagrados, rufam para ela,
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
A Filha mais velha da Lua, Inanna,
Eu louvarei!

[*contraponto*]

Para ela se pentearam os guardas
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Tornaram coloridas as nuças com fitas de cores,
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Os seus torsos cobriram com peles de carneiro, as roupagens divinas,
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Homens belos, damas eminentes, a decana das sábias mulheres,
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
empunham harpas sagradas e instrumentos apaziguadores, caminham a seu lado
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Eles próprios cingidos com instrumentos bélicos
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Lanças, as armas da batalha, trazem nas mãos
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -

[*4.º contraponto*]

Mas trazem os braços direitos protegidos com panos, à moda masculina
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
A grande rainha do céu, Inanna,
Eu louvarei!

Dos braços esquerdos despiram e retiraram os panos
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
A grande rainha do céu, Inanna,
Eu louvarei!
Alegremente, com as nádegas pintadas, ensaiam combates singulares
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
A Filha mais velha da Lua, Inanna
Eu louvarei!

[5°. *contraponto*]

Cativos com jugos ao pescoço lamentam lhe a sua sorte
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Donzelas e velhas enrugadas, de cabelo encaracolado como as prostitutas
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Adagas e maçãs enraivecem-se diante dela
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Soldados reféns [kurgarûs] sobre carros agitam as maçãs
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
Sangue seco cobre as adagas, salpicos de sangue,
- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -
No pátio, local da assembleia dos vedores do templo, derramam sangue
enquanto ali ressoa alto a alegre música das harpas-tigi, címbalos e liras.

A santa achou por bem instalar-se solitária no céu claro
E sobre todas as terras trabalhar em conjunto com a nação das gentes de cabeça escura,

A partir do centro do céu a Senhora olha bondosamente para baixo.
Augusta é a rainha, a estrela da tarde, Inanna.
É pois justo que louvem a donzela Inanna.
Augusta é a rainha, a estrela da tarde, Inanna, até aos bordos do céu!

[6°. *contraponto*]

A estrela da tarde, a brilhante estrela a nascer, espargindo grande luz sobre o céu sagrado
A rainha, a estrela da tarde, achou por bem chegar do alto, como guerreira no céu
E em todas as terras as gentes erguem as faces para ela,
O homem aplaude, a mulher ilumina-se
o boi no seu jugo vira a cabeça para casa
ovelhas e carneiros [raspando as patas] fazem a poeira pousar densa nas suas pregas.
Os numerosos carneiros e burros selvagens do deus Shakan,
os animais do deserto, as bestas distantes de quatro patas
os poços dos pomares, as camas dos jardins, os verdes canaviais,
os peixes do abismo, os pássaros do céu,
A Senhora os obriga a regressar a seus lares.
Todas as criaturas vivas, as numerosas gentes, estão a dobrar o joelho diante dela.

Chamadas pela Senhora, as velhas preparam abastança para grande comezaina e bebida.
Então a Senhora acalma tudo na sua terra, os campos de jogos da nação,
[os fazedores de feriados;
E o jovem bravo mantém conversa com a sua mulher, coração a coração.

A partir do centro do céu a Senhora olha bondosamente para baixo,
Diante da sagrada Inanna, diante dos olhos dela, desfilam
Augusta é a rainha, a estrela da tarde, Inanna.
É pois justo que louvem a donzela Inanna.
Augusta é a rainha, a estrela da tarde, Inanna, até aos bordos do céu!

[7°. *contraponto*]

Preeminente no céu coado de rosa, a sedutora, enchendo o largo céu,
Ergueu-se como o luar à noite, ergueu-se como a luz do sol ao meio-dia.
Tendo imposto o doce sono sobre os lares da nação,
- enquanto todas as terras, os de cabeça escura, toda a nação dorme nos telhados,
[sobre as muralhas da cidade -
Os aflatos eloquentes das almas a sonhar ascendem até ela, apresentando-lhe os seus casos.

Então ela discerne o justo, discerne o malvado.
Ao malvado entregará para sofrimento uma sentença malvada, ao mau também fará mal.
Para o justo olha com verdade, destina-lhe um bom destino.
A partir do centro do céu a Senhora olha bondosamente para baixo,
Diante da sagrada Inanna, diante dos olhos dela, desfilam
Augusta é a rainha, pairando onde o céu se funda, Inanna.
É pois justo que louvem a donzela Inanna.
Augusta é a rainha, descendo até onde o céu se funda, até aos bordos do céu!

[8°. *Contraponto*]

A rainha preeminente, a sedutora do céu, achou por bem chegar, como guerreira, do alto,
Adorável é ela ao lado radioso de An [céu]
Com An, sob o augusto dossel dele, mantém conversa, coração a coração.

[*antífona*]

Ela é poderosa! Ela é nobre! Ela foi elevada a alta dignidade!
Grande é ela, e augusta, excedendo em heroísmo!

Perante a rainha maravilha-se a nação, a estrela solitária, a estrela da manhã,
a rainha pairando onde o céu se funda, achou por bem chegar, como guerreira, do alto,
e todas as terras estremecem diante dela.

As gentes de cabeça escura levantam-se por ela,
O jovem bravo viajando pela estrada orienta a sua rota por ela
O boi no seu jugo levanta ansiosamente a cabeça por ela

Enquanto ao mesmo tempo, nos lares da nação
Tudo providenciam com abundância,
E se apressam a louvar Inanna
E exhibir de maneira divina para a Senhora lá no centro do céu.
Nos lugares limpos, nos locais limpos do deserto
Sobre os telhados, sobre o cimo das muralhas,
Nos altares preparados pelos homens
Trazem-lhe incenso fragrante como uma floresta de cedros.
Belas ovelhas, ovelhas de crina, ovelhas alimentadas com grão lhe oferecem.
Para a santa limpam um lugar, e lavam as mãos para ela.

Com manteiga clarificada, tâmaras, queijos, sete variedades de frutos
Para desjejum, enchem as mesas da nação para ela.
Cerveja escura servem para ela
Cerveja clara servem para ela.

Com Emmer [cerveja] escura e ambarina...
Para a Senhora, cerveja de cevada e Emmer
E o vaso Shaggube e a cuba de fermentação
Borbulham tanto um como o outro.
De massa, liberalmente enriquecida com mel e manteiga,
E de mel e tâmaras, sobre bolos,
Fazem pães para ela,
Vinho à alvorada, farinha finamente moída,
Farinha com mel
De mel e vinho ao nascer do sol, fazem libações para ela.
Os deuses tutelares dos humanos avançam, como lhes pertence,
Até ela, com a comida e a bebida,
E a santa come nos lugares puros, nos lugares limpos.
A partir do centro do céu a Senhora olha bondosamente para baixo,
Diante da sagrada Inanna, diante dos olhos dela, vagueiam.
Augusta onde o céu se funda, é a rainha Inanna.
É justo pois que louvem a donzela Inanna.
Augusta é a rainha pairando onde o céu se funda, até aos bordos do céu.

[9^o.*contraponto*]

No palácio,
Na casa que aconselha o país
E é um jugo sobre todas as nações estrangeiras,
Na casa, que é a justa ordalia do rio
das gentes de cabeça escura, a totalidade da nação
um dossel foi instalado para Ninegalla
o rei, sendo um deus, ali se acolherá da jornada com ela.

Para que ela possa tomar a cargo a vida de todas as terras
o Dia de Ano Novo, dia de rituais
para refazer o balanço dos servos leais
e executar correctamente os ritos do último dia do mês,
um leito foi armado para a Senhora.

Palha de Halfa foram purificando com perfume de cedro,
E a foram pondo naquele leito, para a Senhora.
Sobre ele uma colcha foi estendida para ela,
Uma colcha que lhe agrada ao coração, para tornar confortável o leito.

A Senhora banha em água os membros sagrados,
para os membros do rei ela banha-os em água.
Para os membros de Iddin-Dagan, ela banha-os em água.
A santa Inanna esfrega-se com sabão, salpica o chão com perfume de cedro.

O rei avança de cabeça erguida, ansiosamente, até aos membros sagrados
Avança de cabeça erguida, ansiosamente, até aos membros de Inanna.
Ama-ushumgal-anna vai para o leito com ela:

«Oh meus membros sagrados! Oh minha santa Inanna!»

Depois, no leito, nos membros sagrados,
Ele fez a rainha rejubilar,
Depois, no leito, nos membros sagrados
Ele fez a santa rainha rejubilar
Por sua vez, ela acalmou-lhe o coração
Ali no leito.

«Iddin-Dagan, és verdadeiramente o meu amado!»

Para puras libações, as bacias dispostas,
para bafejos suaves dos vapores de incenso,
para as porções de comida ali dispostas
para os jarros ali dispostos
no seu augusto palácio, avança ela com ele.
O seu consorte amoroso pôs-lhe o braço sobre os ombros,
A santa Inanna tem o braço dele sobre os ombros
Irradia a partir da liteira do trono
Como a aurora.
Ali com ela, no lugar mais afastado da mesa, irradia
O rei, tal o sol.
Abundância, acepipes, abastança,
Lhe trazem directamente a ela,
Um banquete de coisas doces ali dispõem
As gentes de cabeça escura, e lho apresentam directamente a ela.
O bardo tem a lira, que dá a palavra a partir do pódio
As harpas de algar de doce som,
E a lira, que pertence aonde a humanidade se alegra
Exibem-se, na sua canção da alegria do coração.

O rei esticou o braço para apanhar a comida,
Ama-ushumgal-anna esticou o braço,
por comida e bebida.

No palácio há um ambiente festivo,
o rei está alegre.
A nação passa o tempo no meio da abundância,
Ama-ushumgal-anna chegou rejubilante,
longa seja a sua vida neste puro trono!
Sobre o dossel do trono real, ela descansou a cabeça sobre o ombro dele.

[*envoi*]

Oh Senhora, tu és louvada
até aos bordos do céu e da terra!
Sendo uma santa
gerada com o céu e a terra,
passagens santas, passagens sagradas para uma santa
são puras na canção!
Oh tu, ornamento principal da noite
Preenchendo a assembleia,
Inanna, Filha mais velha da Lua,
Rainha, estrela da tarde, louvar-te é doce!

[10º. *contraponto*]

A partir do centro do céu a Senhora olha bondosamente para baixo –
Diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, caminham,
Augusta é a rainha, a estrela da tarde, até aos bordos do céu!
Poderosa é ela, nobre, elevada a alta dignidade,
grande é ela e augusta,
excedendo em heroísmo.

[*antífona*]

Uma canção de valor pertencendo à radiosa rainha do céu Ninsianna [Inanna].



Descida de Inanna aos Infernos

[projecto de conquista do reino de sua irmã Ereshkigala]

A partir do céu superior,
Ela tinha o coração posto na terra maior inferior,
A deusa tinha,
A partir do céu superior,
O coração posto na terra maior inferior,
Inanna tinha,
A partir do céu superior,
O coração posto na terra maior inferior.

A minha Senhora abandonou o céu,
Abandonou a terra,
Deslocou-se até à terra maior inferior.
Inanna abandonou o céu,
Abandonou a terra,
Deslocou-se até à terra maior inferior.
A suserania ela abandonou,
A realeza ela abandonou,
Deslocou-se à terra maior inferior.

Em Uruk abandonou o templo Eanna,
Deslocou-se à terra maior inferior.
Em Bad-Tibira abandonou o templo Emushkalamma,
Deslocou-se à terra maior inferior.
Em Zaban abandonou o templo Giguna,
Deslocou-se à terra maior inferior.
Em Adaba abandonou o templo Eshara,
Deslocou-se à terra maior inferior.
Em Nippur abandonou o templo Ebaragdurgara,
Deslocou-se à terra maior inferior.
Em Kishi abandonou o templo Hursag-Kalamma,
Deslocou-se à terra maior inferior.

Em Akkadê abandonou o templo E-ulmash,
Deslocou-se à terra maior inferior.

Dos sete poderes de estado fez um feixe,
Abraçou os poderes, manteve-os à mão,
Foi buscar a arma-mittu que estava guardada.

Kaffieh e agal, os toucados do deserto, pôs na cabeça;
A peruca da testa retirou;
Segurou na mão a pura vara de medida e o fio-de-prumo.
Pequenas contas de lápis-lazúli pendurou à volta do pescoço,
Com contas de pedra ovais unidas cobriu o peito.
Braceletes de ouro enfiou nos pulsos
E os escudos «Oh homem, vem cá, vem cá!» colocou sobre o peito.
Com os trajos de estado, os trajos da realeza, cobriu as suas costas;
O khol «Oh que ele venha, que ele venha!» pôs nos olhos.

Inanna caminhava em direcção à terra maior inferior,
O pagem/aia Ninshubur³ caminhava a seu lado,
Santa Inanna disse a Ninshubur:
«Meu sempre leal pagem, minha aia de palavras belas
meu mensageiro de palavras verdadeiras,
Eu vou agora até à terra maior inferior
Se eu por lá ficar, prepara ruidosas lamentações por mim
Manda tocar os címbalos por mim nas assembleias dos chefes,
Faz por mim as visitas às casas dos deuses,
Esgatanha os teus olhos de dor por mim,
Esgatanha a tua boca por mim,
Nos lugares onde não se vai sem homem,
Esgatanha o teu grande ventre por mim!
Por mim veste o pobre traje de uma só prega
Como quem não tem homem!

«Dirige primeiro o teu pé ao templo de Enlil em Ekur,
e quando da tua entrada no templo de Enlil em Ekur,
Chora diante de Enlil dizendo:
"Oh Pai Enlil! Não deixes que ninguém mate a tua filha na terra maior inferior!
Não deixes que misturem a tua melhor prata com o pó da terra maior inferior,
Não deixes que lapidem o teu melhor lápis-lazúli com as setas de sílex
Não deixes que a tua melhor madeira de buxo se falhe entre os troncos do carpinteiro,
Não deixes que na terra maior inferior matem a donzela Inanna.!"

Se Enlil não te apoiar nesta matéria, continua até Ur!

«Em Ur, a câmara natal da nação, quando da tua entrada em Ekishnugal,
O templo de Nanna, chora diante de Nanna dizendo:

³ Vide nota 1

"Pai Nanna! Não deixes que ninguém mate a tua filha na terra maior inferior!
Não deixes que misturem a tua melhor prata com o pó da terra maior inferior,
Não deixes que lapidem o teu melhor lápis-lazúli com as setas de sílex
Não deixes que a tua melhor madeira de buxo se falhe entre os troncos do carpinteiro,
Não deixes que na terra maior inferior matem a donzela Inanna!"

Se Nanna não te apoiar neste assunto, continua até Eridu!

«Quando entrares em E-engur, o templo de Enki, chora diante de Enki dizendo:

"Pai Enki! Não deixes que ninguém mate a tua filha na terra maior inferior!
Não deixes que misturem a tua melhor prata com o pó da terra maior inferior,
Não deixes que lapidem o teu melhor lápis-lazúli com as setas de sílex
Não deixes que a tua melhor madeira de buxo se falhe entre os troncos do carpinteiro,
Não deixes que na terra maior inferior matem a donzela Inanna!"

«O pai Enki, um senhor de vasta inteligência,
conhece a erva da vida,
conhece a água da vida.
Possa ele fazer-me regressar viva!»

Inanna caminhava em direcção à terra maior inferior,
Ao seu pagem/aia Ninshubur disse:

«Vai, Ninshubur,
e não abanes a cabeça às minhas ordens que te dei!»

Quando Inanna tinha chegado perto do lustroso palácio da montanha de Egalkurzagin
Maldosamente arremessou coisas contra a porta do luzente palácio da montanha
E gritou maldosamente para o palácio da terra maior inferior:

«Abram a casa imediatamente!
Guardião da porta, abre a casa imediatamente!
Abre a casa imediatamente!
Neti, abre a casa imediatamente,
e deixa-me entrar para fazer as minhas lamentações!»

Neti, o chefe dos guardiães da porta da terra maior inferior
Respondeu à santa Inanna dizendo:

«E quem poderá ser? – Tu!»

«Eu sou Inanna, em direcção à qual nasce o Soll!»

«Se tu és Inanna, em direcção a qual nasce o Sol,
porque é que partiste para uma terra de onde não há retorno?
Como pôde o teu coração levar-te por uma estrada
Em que aquele que a percorre não pode voltar atrás?»

A santa Inanna respondeu-lhe:

«É pela minha irmã mais velha Ereshkigala
- para fazer as exéquias pelo grande boi do céu Gugalanna,
o marido dela, que foi morto,
vê-se bem porque chove grandiosamente na sua vigília.
Foi por isso!»

Neti, o chefe dos guardiães da porta da terra maior inferior
Respondeu à santa Inanna dizendo:

"Espera por mim, Inanna, deixa que fale com a minha senhora,
deixa que fale com a minha Senhora Ereshkigala
deixa-me anunciar-te a ela!"

Neti, o chefe dos guardiães da porta da terra maior inferior
Entrou na casa, foi até Ereshkigala, a sua senhora, e disse:

«Minha Senhora! Uma donzela sozinha, alta como um deus,
[veio até Egalkurzagin]
[maldosamente atirou coisas contra a porta...]
[gritou maldosamente para dentro do palácio da terra maior
Em Eanna [ela...]
Dos sete poderes de estado fez um feixe,
Abraçou os poderes, manteve-os à mão,
Foi buscar a arma-mittu que estava guardada.
Kaffieh e agal, os toucados do deserto, pôs na cabeça;
A peruca da testa retirou;
Segurou na mão a pura vara de medida e o fio de prumo.
Pequenas contas de lápis-lazúli pendurou à volta do pescoço,
Com contas de pedra ovais unidas cobriu o peito.
Braceletes de ouro enfiou nos pulsos
E os escudos «Oh homem, vem cá, vem cá!» colocou sobre o peito.
Com os trajos de estado, os trajos da realeza, cobriu as suas costas;
O khol «Oh que ele venha, que ele venha!» pôs nos olhos.

Nesse dia Ereshkigala

deu uma palmada na coxa,
mordeu o lábio,
e gritou de cólera.

A Neti, o seu chefe dos guardiães das portas, ela disse:

«Entra meu Neti, chefe dos guardiães da porta da terra maior inferior,
não abanes a tua cabeça à ordem que te vou dar!
Que os ferrolhos sejam abertos nos sete grandes portões da terra maior inferior,
E que a folha da porta do palácio Ganzir
[a fachada da terra maior inferior]
seja empurrada [primeiro] aberta.

Depois de ela ter entrado,
Agachada como os mortos, despida das suas roupas,
Então a podem deixar entrar."
Neti, o chefe dos guardiães da porta da terra maior inferior
Obedeceu às ordens da sua senhora
[fez recuar] os ferrolhos nos sete grandes portões da terra maior inferior,

E empurrou primeiro aberta a folha da porta do palácio de Ganzir,
A fachada do Hades.
À santa Inanna disse:

«Vem, Inanna, atravessa-a!»

Depois de ela ter entrado, retiraram-lhe da cabeça o Kaffieh e agal, os toucados do deserto;

«Porque fizeram isso?»

«Está calada, Inanna,
um ritual da terra maior inferior foi executado sem falha.
Inanna não abras a tua boca contra as funções sagradas da terra maior inferior!»

Depois de ela ter entrado pelo segundo grande portão,
Retiraram-lhe a pura vara de medida e o fio de prumo.

«Porque fizeram isso?»

«Está calada, Inanna,
um ritual da terra maior inferior foi executado sem falha.
Inanna não abras a tua boca contra as funções sagradas da terra maior inferior!»

Depois de ela ter entrado pelo terceiro grande portão,
Retiraram-lhe as pequenas contas de lápis-lazúli à volta do pescoço.

«Porque fizeram isso?»

«Está calada, Inanna,
um ritual da terra maior inferior foi executado sem falha.
Inanna não abras a tua boca contra as funções sagradas da terra maior inferior!»

Depois de ela ter entrado pelo quarto grande portão,
Retiraram-lhe as contas de pedra ovais unidas com que cobria o peito.

«Porque fizeram isso?»

«Está calada, Inanna,
um ritual da terra maior inferior foi executado sem falha.
Inanna não abras a tua boca contra as funções sagradas da terra maior inferior!»

Depois de ela ter entrado pelo quinto grande portão,
Retiraram-lhe os anéis de ouro das mãos.

«Porque fizeram isso?»

«Está calada, Inanna,
um ritual da terra maior inferior foi executado sem falha.
Inanna não abras a tua boca contra as funções sagradas da terra maior inferior!»

Depois de ela ter entrado pelo sexto grande portão,
Retiraram-lhe do peito os escudos «Oh homem, vem cá, vem cá!».

«Porque fizeram isso?»

«Está calada, Inanna,
um ritual da terra maior inferior foi executado sem falha.
Inanna não abras a tua boca contra as funções sagradas da terra maior inferior!»

Acocorada
Tendo-lhe sido retiradas as roupas
Foi conduzida por um homem.
Fez a santa Ereshkigala levantar-se da cadeira
E na cadeira dela se sentou.

Os Annunaki, os sete juízes,
Deram sentença diante da face dela,
O veredicto deles era um veredicto de retorcer as entranhas,
Gritaram contra ela, era o chamamento para o castigo!
Foi morta, e transformada numa laje de carne infecta,
Uma laje de carne infecta que um homem pendurou numa cavilha.

Quando três dias e três noites haviam passado,
O seu pagem Ninshubur,
A sua aia de palavras belas
O seu mensageiro de palavras verdadeiras,
Começou a preparar ruidosas lamentações por ela.
Os címbalos tocava por ela nas assembleias dos chefes,
Por ela fez as visitas a às casas dos deuses,
Por ela esgatanhou os olhos de dor,
Por ela esgatanhou a sua boca,
E nos lugares aonde não se vai sem homem,
Por ela esgatanhou o seu grande ventre.
Como quem não tem homem,
Por ela vestiu o pobre traje de uma só prega.

O pé dirigiu primeiro ao templo de Enlil em Ekur,
e depois de ter entrado no templo de Enlil em Ekur,
Chorou diante de Enlil dizendo:

«Oh Pai Enlil! Não deixes que ninguém mate a tua filha na terra maior inferior!
Não deixes que misturem a tua melhor prata com o pó da terra maior inferior,
Não deixes que lapidem o teu melhor lápis-lazúli com as setas de sílex
Não deixes que a tua melhor madeira de buxo se falhe entre os troncos do carpinteiro,
Não deixes que na terra maior inferior matem a donzela Inanna.»

O Pai enlil respondeu a Ninshubur:

«A minha filha ansiava pelo céu superior,
ansiava também pela terra maior inferior;
Inanna ansiava pelo céu superior,
ansiava também pela terra maior inferior;
Os rituais da terra maior inferior, porque se exigiam rituais,
Exigindo-se rituais, foram executados sem defeito.
Quem alguma vez chegou até lá e se insurgiu?»

O Pai Enlil não a apoiou nesta matéria, e continuou até Ur.

Em Ur, a câmara natal da nação, depois de ter entrado em Ekishnugal,
No templo de Nanna, chorou diante de Nanna dizendo:

«Pai Nanna! Não deixes que ninguém mate a tua filha na terra maior inferior!
Não deixes que misturem a tua melhor prata com o pó da terra maior inferior,
Não deixes que lapidem o teu melhor lápis-lazúli com as setas de sílex
Não deixes que a tua melhor madeira de buxo se falhe entre os troncos do carpinteiro,
Não deixes que na terra maior inferior matem a donzela Inanna.»

O Pai Nanna respondeu a Ninshubur:

«A minha filha ansiava pelo céu superior,
ansiava também pela terra maior inferior;
Inanna ansiava pelo céu superior,
ansiava também pela terra maior inferior;
Os rituais da terra maior inferior, porque se exigiam rituais,
Exigindo-se rituais, foram executados sem defeito.
Quem alguma vez chegou até lá e se insurgiu?»

O Pai Nanna não a apoiou nesta matéria, e continuou até Eridul

Quando entrou em E-engur, o templo de Enki, chorou diante de Enki dizendo:

«Pai Enki! Não deixes que ninguém mate a tua filha na terra maior inferior!
Não deixes que misturem a tua melhor prata com o pó da terra maior inferior,
Não deixes que lapidem o teu melhor lápis-lazúli com as setas de sílex
Não deixes que a tua melhor madeira de buxo se falhe entre os troncos do carpinteiro,
Não deixes que na terra maior inferior matem a donzela Inanna.»

O Pai Enki respondeu a Ninshubur:
«O que fizeram lá à minha filha?
Ela aflige-me!
«O que fizeram lá a Inanna?
Ela aflige-me!
«O que fizeram lá à rainha de todas as terras?
Ela aflige-me!
«O que fizeram lá à santa do céu?
Ela aflige-me!

Retirou o lixo debaixo da unha, e com ele fez um mirmidão.
De debaixo de outra sua unha retirou o lixo, e com ele fez um jovem elegista.
Ao mirmidão deu a erva da vida,
Ao jovem elegista deu a água da vida.
O Pai Enki disse ao jovem elegista e ao mirmidão:

«Ide! Encaminhem os pés na direcção da terra maior inferior!
Quando tiverem voado como moscas sobre as folhas da porta,
Quando tiverem serpenteado como lagartos para lá do eixos das portas,
Ala!
A mãe que deu à luz, Ereshkigala,
está deitada doente de dor pelos seus pequeninos.
Os seus santos ombros nenhum linho cobre,
O peito dela, como bilhas de óleo,
Não tem nada desenhado sobre ele,
As unhas dela são como um ancinho de cobre a rasgá-la,
O cabelo dela? - peladas tem na cabeça.

«Quando ela estiver dizendo: "Ai, o meu coração!"
[diz-lhe]: "Estás cheia de terror, minha senhora,
Infeliz o teu coração!"
Quando ela estiver dizendo: "Ai, o meu fígado!"
Diz-lhe: "Estás cheia de terror, minha senhora,
Infeliz o teu fígado!"

«Ela perguntar-te-á:

"Quem sois vós, a quem eu falei
do meu coração aos vossos corações,
do meu fígado aos vossos fígados?
E se forem deuses, deixai-me falar convosco,
E se forem humanos, deixai que determine as vossas contingências
Esconjurai-me
Pela respiração da vida do céu
Pela respiração da vida da terra
[e digam-lhe]...

«Oferecer-vos-ão o rio na maré-alta; e não o aceitem.
Oferecer-vos-ão a seara cheia de grão; e não a aceitem.
Digam-lhe:
"Dá-nos a laje de carne infecta que está pendurada na cavilha!
Atirem sobre ela
Uma erva da vida
Uma água da vida
E que Inanna ressuscite!»

O jovem elegista e o mirmidão obedeceram às ordens de Enki.
Por cima das folhas das portas, voaram como moscas,

Esgueiraram-se como lagartos, por entre os eixos das portas,
Infeliz!
A mãe que dera à luz, Ereshkigala,
estava deitada doente de dor pelos seus pequeninos.
Os seus santos ombros nenhum linho cobria,

O peito dela, como bilhas de óleo,
Não tinha nada sobre eles desenhado,
As unhas dela eram como um ancinho de cobre a rasgá-la,
O cabelo dela? - peladas tinha na cabeça.

«Quando ela disse: "Ai, o meu coração!"
eles disseram-lhe: "Estás cheia de terror, minha senhora,
Infeliz o teu coração!"
Quando disse: "Ai, o meu fígado!"
Eles disseram-lhe: "Estás cheia de terror, minha senhora,
Infeliz o teu fígado!"

«Ela perguntou-lhes:

"Quem sois vós, a quem eu falei
do meu coração aos vossos corações,
do meu fígado aos vossos fígados?
E se forem deuses, deixai-me falar convosco,
E se forem humanos, deixai que determine as vossas contingências"

Eles esconjuraram-na
Pela respiração da vida do céu
Pela respiração da vida da terra
[e disseram-lhe]...

Ofereceram-lhes o rio na maré-alta; mas não o aceitaram.
Ofereceram-lhes a seara cheia de grão; e não a aceitaram.

«Dá-nos a laje de carne infecta que está pendurada na cavilha!»

A Santa Ereshkigala respondeu ao jovem elegista e ao mirmidão:
«A laje de carne infecta é propriedade da vossa Senhora!»

«Embora seja propriedade da nossa Senhora, dá-nos a laje de carne infecta

E foi-lhes dada a laje de carne infecta que estava pendurada na cavilha.
E atiraram sobre ela
Uma erva da vida
Uma água da vida
E Inanna ressuscitou.»

Inanna está a preparar-se para abandonar a terra maior inferior
Mas os Anunnaki riram-se dela e disseram:

«Que mortal pôde sair da terra maior inferior, partir sem pagar nada?
Se Inanna quer sair da terra maior inferior,
Que deixe uma cabeça por conta da sua cabeça!»

Inanna abandonava a terra maior inferior.
Pequenos soldados a parecerem canaviais de juncos pelas hastes das lanças
Grandes soldados a parecerem canaviais de bambus pelas hastes das lanças
Caminhavam ao lado dela.
O homem diante dela, embora não fosse arauto, levava uma lança na mão,
O homem atrás dela, embora não fosse embaixador, atara uma arma à anca.

Os homens que a conduziram até ao substituto
Os homens que conduziram Inanna até ao substituto,
Não provaram comida, nem bebida,
Não comeram oferendas de farinha espargida,
Não beberam da água das libações
Arrancaram a mulher ao colo do marido
Arrancaram a criança ao peito da ama.

Inanna estava a abandonar a terra maior inferior.

Quando Inanna abandonou a terra maior inferior,
O pagem/aia Ninshubur atirou-se-lhe aos pés;
Tinha-se sentado na poeira; estava vestido de roupas sujas.

Os soldados disseram à Santa Inanna:

«Inanna, vai para a tua cidade, e deixa que nós a levemos!»

A Santa Inanna respondeu aos soldados:
«O meu pagem/aia, de palavras belas,
o meu embaixador, de palavras verdadeiras,
não deixou por executar nenhuma das minhas ordens!
Não abandonou a cabeça às ordens que lhe dei.
Preparou ruidosas lamentações por mim.

Os címbalos tocou por mim nas assembleias dos chefes,
Por mim fez as visitas às casas dos deuses,
Esgatanhou os olhos de dor por mim,
Esgatanhou a boca,
E nos lugares onde não se vai sem homem,
Esgatanhou o seu grande ventre por mim.
Como quem não tem homem,
Por mim vestiu o pobre traje de uma só prega.

Ao templo de Enlil, em Ekur,
Ao templo de Nanna, em Ur, e
Ao templo de Eridu e de Enki, foi por mim
Foi por mim, e conseguiu que eu regressasse viva.
Como poderiam encontrar-me alguém igual?»

«Vamos procurá-lo, vamos procurá-lo
a Sigkurshaga, em Uma!»

Em Uma, de Shikursaga
Shara atirou-se-lhe aos pés;
Tinha-se sentado na poeira; estava vestido de roupas sujas.

Os soldados disseram à Santa Inanna:

«Inanna, vai para a tua cidade, e deixa que nós o levemos!»

A Santa Inanna respondeu aos soldados:
«O meu cantador de canções, Shara,
o que me corta as unhas, o que me entrança o cabelo,
Como poderiam encontrar-me outro igual?»

«Vamos procurá-lo, vamos procurá-lo
a Emushkamma, em Bad-Tibira!»

Em Bad-Tibira, de Emushkamma
Lulal atirou-se-lhe aos pés;
Tinha-se sentado na poeira; estava vestido de roupas sujas.

Os soldados disseram à Santa Inanna:

«Inanna, vai para a tua cidade, e deixa que nós o levemos!»

A Santa Inanna respondeu aos soldados:
«Preeminente Lulal,
chefiando as alas direita e esquerda do meu exército,
Como poderiam dar-me outro igual?»

«Vamos procurá-lo, vamos procurá-lo
à macieira mutilada, no deserto do Kullab!»

Até à macieira mutilada, no deserto do Kullab
Seguiram no encalce dela.

Dumuzi tinha-se vestido com trajes luxuosos e sentava-se com estadão.

Os soldados cercaram-no e encurralaram-no
E entornando o leite das sete batedeiras
Bateram-lhe com força sete vezes, pois era ele o intruso,
Que começara a bater na cara dos pastores
Com as flautas e gaitas de junco.

Ela olhou para ele com um olhar assassino;
Deu-lhes as ordens, uma ordem de apertar as entranhas;
Lançou-lhes um grito, era um chamamento ao castigo:

«Quanto tempo é que vão ainda mandriar? Levem-no!
A Santa Inanna entregou o pastor Dumuzi às mãos deles.
Eles, os homens que a tinham escoltado,
Os homens que prenderam Dumuzi,
Não provaram comida, nem bebida,
Não comeram oferendas de farinha espargida,
Não beberam da água das libações
Não se inclinaram sobre essa coisa doce, os membros de uma esposa
Não beijaram essa coisa apetitosa, uma criança.
Podiam obrigar o filho de um homem a sair do colo do pai;
Podiam obrigar uma nora a abandonar a casa do sogro.

[...]

Dumuzi bateu na testa, rebentou em lágrimas,
O rapaz ergueu as mãos para o céu, para o deus Sol:

«Deus Sol! És o meu cunhado, Eu sou o teu cunhado Utu,
Eu levo a manteiga para casa de tua mãe,
Eu levo o leite para a casa de Ningal.
Transforma as minhas mãos nas patas de um lagarto,
Transforma os meus pés, nas patas de um lagarto,
Deixa-me escapar aos soldados, e que eles não me possam apanhar!"

[*fuga de Dumuzi*]

Os pequenos soldados abriram a boca, e disseram aos grandes soldados:
«Venham! Vamos com ele, até aos sagrados membros de Inanna!»
Os soldados entraram em Uruk e agarraram Inanna:

«Vem Inanna! Comecemos a jornada,
Despacha-te,
a caminho da terra maior inferior!
Vamos para o lugar que teu coração cobiçava,

a caminho da terra maior inferior!
Vamos para o local de Ereshkigala,
a caminho da terra maior inferior!
Não debes vestir-te com as tuas roupagens reais,
os teus santos trajes de estado,
os teus trajes de realeza,
a caminho da terra maior inferior!
E quando tiveres retirado a ilustre e ornada coroa da tua cabeça,
a caminho da terra maior inferior!
Não deverás levar a tua alegre peruca
a caminho da terra maior inferior!

Desata os teus sapatos, as preciosas pantufas selvagens dos teus pés
a caminho da terra maior inferior!
Enquanto caminhas até à terra maior inferior
[...]
Eles aviltaram a Santa Inanna,
Eles [...] -na
E Inanna, no seu pânico, entregou-lhes Dumuzi às mãos.

Quanto ao rapaz, estavam a pôr-lhe grandes peias nos pés;
Quanto ao rapaz, estavam a enredá-lo, a pôr-lhe uma canga sobre os ombros
Armas henzir, machados kibir,
grandes lanças de cobre carregavam diante dele.
Grandes machados afiavam.
Obrigaram o rapaz a levantar-se, fizeram-no sentar-se
Arrancaram-lhe as roupas das costas, prepararam...
Quanto ao rapaz, amarraram-lhe os braços,
e avaliando as suas roupas apenas em trinta dinheiros
cobriram-lhe os olhos com as suas próprias roupas.

O rapaz ergueu as mãos para o céu, para o deus Sol:

«Deus Sol! Sou teu camarada, és um sedutor, conheces-me!
A tua irmã, que tomei por mulher,
Tendo ido até à terra maior inferior,
a fim de regressar da terra maior inferior
quer entregar-me à terra maior inferior
como substituto.
Oh, Deus Sol, és um juiz isento,
Não deixes que ela me prejudique.
Transforma as minhas mãos,
Transforma a minha aparência,
Deixa-me escapar das mãos dos soldados,
e que eles não me possam apanhar!"
Como uma nobre serpente, atravessarei as planuras e montes,
Deixa-me fugir para salvar a vida, para junto da minha irmã Geshtinanna!

O deus Sol aceitou-lhe a imploração chorosa
E mudou-lhe as mãos, mudou-lhe a aparência.

Como nobre serpente atravessou planuras e montes,
Como um pássaro a fugir das garras do falcão,
Dumuzi tratou da sua vida,
Fugiu para salvar a vida, para junto de Geshtinanna.

Geshtinanna olhando para o seu irmão,
Esgatanhou as faces de dor
Esgatanhou a boca,
Retirou o alfinete da frente do vestido e com ele rasgou o vestido;
Pelo rapaz mal-empregado,
Estava a lançar um lamento amargo
Na verdade:

«Infeliz, meu irmão! Infeliz, meu irmão!
O rapaz que naquele dia não foi amortalhado!
Infeliz, meu irmão, o pastor Ama-Ushumgal-Anna,
O rapaz que naquele dia, entre lamentações, não foi amortalhado!
Infeliz, meu irmão, o rapaz, que não esposarás uma esposa, não terás filhos!
Infeliz, meu irmão, que não terá camaradas, que não terá amigos!
Infeliz, meu irmão, o rapaz para o qual a mãe não verá boa fortuna!

Os soldados procuravam Dumuzi, indagavam por ali à procura dele
Os pequenos soldados disseram aos grandes soldados:
«Soldados, não tenhais piedade,
não tendes pais, mães, esposas, irmãos, irmãs ou filhos;
desde os dias em que a nação foi fundada,
desde que o céu foi afastado da terra,
foram feitos soldados para empurrar as pessoas,
e gente assim não tem clemência nem bondade,
não conhece o bem nem o mal!

«Quem alguma vez viu um homem procurar salvar a sua vida
numa casa que não é a sua?
Não o iremos procurar, na casa do seu camarada,
Não o iremos procurar, na casa do seu sogro,
Vamos procurar o pastor na casa de Geshtinanna!»

Os guardas que o tinham deixado escapulir-se das mãos
Andavam à procura dele
E antes que ela tivesse acabado aquela lamentação
Os soldados seguiram-no até casa de Geshtinanna.

«Mostra-nos onde está o teu irmão!»
disseram-lhe,
Mas ela não lhes queria dar aquela informação.

Foi até à lã, cardou-a esforçadamente no lugar da tosquia
Porque não queria dar aquela informação.
Foi até uma parte do chão, escavou ali com o ancinho
Porque não lhes queria dar aquela informação

Foi até às peles, começou a atá-las no chão com uma corda,
Porque não lhes queria dar aquela informação
Estava a despejar a cama de palha dos seus membros,
Porque não lhes queria dar aquela informação
E eles não descobriram Dumuzi na casa de Geshtinanna.
Os pequenos soldados disseram aos grandes soldados:
«Venham, vamos procurá-lo no sagrado redill»

No seu sagrado redil capturaram Dumuzi,
Cercaram-no, e agarraram-no
Procuraram por ele e viram-no.
A casa não tinha protegido o rapaz, um machado foi levado para a porta,
Eles afiaram os seus punhais das cinturas
E cercaram-no no espaço fechado.

A irmã, por amor do seu irmão,
Andou à roda da cidade como um pássaro aos círculos

«Deixem-me ir até ao meu irmão, tão mal-empregado!
Entrarei em qualquer casa!

[lamento de dumuzi - irmã dele e fabricantes de cerveja imploram por ele, pedem piedade possivelmente a Inanna]

A mosca
Respondeu a donzela Inanna, a mosca

«Na fábrica de cerveja. . .
tal como com os fazedores de tarefas idênticas,
deixem-me determinar-lhes as condições!»
Assim, agora, segundo as condições determinadas por Inanna
Assim verdadeiramente será.

A isso Dumuzi rebentou em lágrimas:

«A minha irmã veio,
ela foi entregue nas mãos deles junto comigo!
Infeliz, agora! A vida dela está perdida!

[resposta provavelmente de Inanna]

Tu só metade do ano,
A tua irmã só metade do ano
Quando tu o pedires, ela passará os dias em falta
Santa Inana estava a dar Dumuzi, como substituto de si própria
Ó santa Ereshkigala! Louvar-te é doce.

Bibliografia

- Bottéro, Jean, *Mythes et Rytbes de Babylone*, Skaltine Reprints, Geneva, 1996;
- Carreira, José Nunes, *Literaturas da Mesopotâmia*, Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002;
- Chiera, Edward, «Let Him Come», *Sumerian Religious Texts*, 5, Upland, Pa., 1924, Proceedings of the American Philosophical Society, 107:521 N 4305 rev.;
- Chiera, E., «Tavern Sketch», *Sumerian Religious Texts*, 31- Upland, Pa., 1924;
- Chiera, E., «Hymn to Inanna», *Sumerian Religious Texts*, 1- Upland, Pa., 1924 (coll.)
- Hallo, William W., (ed.), *The Context of Scripture – Canonical Compositions from the Biblical World*, Brill, Leiden, N. Iorque e Colónia, 1997;
- Haupt, P., «Unfaithfulness», *Akkadische und sumerische Keilschrifttexte*, Leipzig 1881-2, no.17;
- Jacobsen, Thorkild, *The Harps that Once... - Sumerian Poetry in translation*, Yale University Press, New Haven e Londres, 1987;
- Kramer, Samuel Noah, *A História Começa na Suméria* (trad. F. Piteira Santos), Europa-América, Lisboa, 1963;
- Kramer, Samuel Noah, «Vigorously he sprouted», *Proceedings of the American Philosophical Society* 107:508-09; Add ISET 2.40 (Ni.9846) e Ebeling *Kleinschriften aus Assur religiösen Inhalts*, I, Leipzig, 1915-1918, no. 158, ii.52;
- Kramer, Samuel Noah, «Inannas Descent to the Nether World continued and revised», *Journal of Cuneiform Studies*, XXV, 1951, 1-17, e *Proceedings of the American Philosophical Society* 107: 510-16;
- Langdon, S., *Babylonian Liturgies...* Paris, 1913, no. 194 (collated);
- Langdon, S., «He Arrives», *Proceedings of the American Philosophical Society*, no. 52, cols. ii-iii;
- Reisman, Daniel, «Iddin-Dagan's Sacred Marriage Hymn», *Journal of Cuneiform Studies*, XXV, 1973, 185-202;
- Wolkstein, Diane, e Kramer, Samuel Noah, *Inana, Queen of Heaven and Earth – Her Stories and Hymns from Sumer*, Harper & Roe, Publishers, Nova Iorque, 1983;
- sites:
- Inanna Gifts of Me - Genun Jubal Parallel: <http://www.piney.com/BabEaGifts.html>
- Akkad online: <http://www.ultraviolence.pwp.blueyonder.co.uk/akkad/index.cgi>
- Descent into the Underworld - The Library of Halexandriah: <http://www.halexandria.org/dward385.htm>
- The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature – The Oriental Institute, University of Oxford: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/index.html>